

## HISTÓRIA

# A memória na ponta da língua

FABIANO MAISONNAVE  
free-lance para a Folha

Começa no domingo que vem, no Rio de Janeiro, a 10ª Conferência Internacional de História Oral, considerado o evento mais importante da área. Durante cinco dias serão apresentados 189 trabalhos de pesquisadores de 26 países.

A escolha do Brasil, pela primeira vez sede do encontro, deve-se ao grande crescimento no país desse tipo de pesquisa, que utiliza entrevistas como documento para a realização de estudos históricos.

Na última conferência, realizada em 96 na Suécia, 26 brasileiros apresentaram trabalhos, num total de 200 inscritos. No Rio, o número de brasileiros sobe para 84. Quase todos os grandes nomes da área estarão no país, entre eles Philippe Joutard, da Universidade de Toulouse (França), Alessandro Portelli, da Universidade de Roma La Sapienza, e Eugenia Meyer, da Universidade Autónoma do México.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, professor de história da USP, o encontro marca o reconhecimento de uma história oral brasileira. "Nós já temos condições de passar a gerar questões conceituais e metodológicas de trabalho enquadradas numa realidade própria da nossa história", afirma Meihy, que falará sobre a história oral na América Latina.

## História da história oral

O uso de entrevistas como fonte histórica está longe de ser novidade. Heródoto, considerado o pai da história, já as utilizava como fonte para seus escritos, na Grécia do século 5º a.C. Mais recentemente, no século 19, Jules Michelet precisou de depoimentos para compor a sua "História da Revolução Francesa".

## Pesquisadores de 26 países discutem no Rio a história oral



Menino índio da tribo dos guarajás pula fogueira

A história oral como é conhecida hoje começou a se desenvolver a partir da invenção do gravador, que facilitou a realização de entrevistas e possibilitou a criação de arquivos de fontes orais.

O primeiro centro de história oral foi fundado há 50 anos na Universidade Columbia, em Nova York. Hoje, o centro de Columbia é o maior do mundo, com 15 mil horas de entrevista. Segundo Ronald Grele, diretor do centro, quase 2.000 livros já foram escritos a par-

tir da coleção de entrevistas.

No Brasil, apesar do crescimento, a história oral ainda tem pouca visibilidade, sobretudo por se tratar de um campo recente. Por aqui, pode-se dizer que a história oral teve três "começos": dois na década de 70 e depois nos anos 90.

A primeira experiência dentro do país começou no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil), ligado à Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Em 1975,

o CPDOC criou, em pleno regime militar, o seu programa de história oral, nos moldes da Universidade Columbia.

Atualmente, o CPDOC tem um acervo de cerca de 3.000 horas gravadas, constituído sobretudo de depoimentos de personalidades da elite política e militar brasileira. Na mesma época, uma outra história oral brasileira surgiu, mas do lado de fora: trata-se do trabalho de Pedro Cavalcanti e Jovelino Ramos, que, no exterior, entrevistaram exilados do regime militar.

A explosão da história oral só veio a ocorrer nos anos 90, quando pesquisadores que trabalhavam com fontes orais passaram a organizar encontros e trocar experiências, culminando na criação, em 94, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

A partir desse momento, predominaram trabalhos que visassem grupos sociais cuja história dificilmente seria escrita a não ser por meio de fontes orais: analfabetos, favelados, garimpeiros, índios.

"A grande força da história oral é que ela pode recuperar segmentos da sociedade que de outra forma se perderiam", diz Antônio Torres Montenegro, professor de história da Universidade Federal de Pernambuco e presidente da ABHO. Para ele, a história oral está mudando a noção de que a história começa com a escrita.

Apesar de não haver nas universidades brasileiras linhas de pesquisa em história oral, vários centros têm sido criados — casos do Nêho (Núcleo de Estudos de História Oral), da USP, e do Centro de Memória, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A constituição de acervos de entrevistas também tem crescido. Em São Paulo, há arquivos desse tipo no Museu da Imagem e do Som,

no Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro e até na Internet — no site Museu da Pessoa (www2.uol.com.br/mpessoa/).

## Conceito gera confusão

Pelo fato de ser ainda um campo recente, de ter se espalhado rapidamente e de agregar pessoas de diversas áreas — historiadores, sociólogos, educadores, linguistas —, uma definição mais clara do que é história oral ainda está longe de um consenso.

Mesmo Alessandro Portelli, maior referência sobre o assunto, tem dificuldades em dizer qual a melhor definição de história oral (leia entrevista abaixo).

Para Meihy, autor de um manual de história oral, uma pesquisa nesses moldes passa pela existência de um projeto que comporte uma série de procedimentos metodológicos, envolvendo a edição da entrevista e uma conferência do texto final com o depoente.

É por isso, diz Meihy, que o livro "O Presidente segundo o Sociólogo", que traz uma entrevista com Fernando Henrique Cardoso, não pode ser considerado um livro de história oral. "Ele se propõe apenas a ser um conjunto temático de reflexões que se organizam para mostrar um determinado posicionamento", diz Meihy.

Para o antropólogo Celso Castro, pesquisador do CPDOC e um dos entrevistadores do livro "Ernesto Geisel", a história oral é apenas uma metodologia para a criação de uma nova fonte, que deve ser cruzada com outras fontes mais tradicionais.

Outra diferença, para o pesquisador, é que o entrevistado participa da elaboração do texto final, como aconteceu com Geisel, que revisou o depoimento duas vezes.

O que há de consenso na confu-

são teórica é que as fontes orais abrem possibilidades de estudar temas e grupos a partir de perspectivas diferenciadas.

Outra diferença, para o pesquisador, é que o entrevistado participa da elaboração do texto final, como aconteceu com Geisel, que revisou o depoimento duas vezes.

O que há de consenso na confusão teórica é que as fontes orais abrem possibilidades de estudar temas e grupos a partir de perspectivas diferentes. As entrevistas permitem, assim, que conhecimento histórico avance em espaços até então pouco ocupados.

Um dos casos mais interessantes é o de Mercedes Vilanova, da Universidade de Barcelona e presidente da Associação Internacional de História Oral. Ela pesquisou a participação eleitoral na Catalunha em 1934.

Até o seu estudo, a historiografia afirmava que a derrota da coalizão de esquerda daquela região devia-se à abstenção dos anarquistas. A vitória ficou para a direita, cujo governo, que durou até 36, gerou um dos períodos mais difíceis da história espanhola, conhecido como "biênio negro".

Baseando-se em depoimentos, Vilanova revelou que houve outros motivos: a baixa participação dos analfabetos nas eleições e a coação de donos de fábrica para que os funcionários votassem.

"Quando, depois de anos trabalhando nos arquivos, decidi realizar o 'trabalho de campo', o mundo bibliográfico no qual até então estava me baseando virou papel morto", escreveu a oralista no livro "Las Mayorías Invisibles", de 96.

**O ENCONTRO**  
10ª Conferência Internacional de História Oral "Desafios para o Século 21". No Rio de Janeiro, de 14 a 18/7. Local: Fundação Getúlio Vargas (praça de Botafogo, 190. Tel: 021/536-9265). Inscrição: R\$ 140 (vagas limitadas).

# Ciência do indivíduo

free-lance para a Folha

Reconhecido como o maior nome da história oral, Alessandro Portelli, professor de literatura norte-americana da Universidade de Roma La Sapienza, diz que a narrativa deve ser considerada como documento histórico.

Para Portelli, é no diálogo construído entre o narrador — como ele gosta de chamar o entrevistado — e o oralista que reside a diferença da história oral, segundo ele, um campo de encontro interdisciplinar.

O oralista italiano será uma das grandes atrações da conferência, na qual falará duas vezes. No dia 15, participa de painel sobre os rumos da história oral e, no dia 18, da sessão de encerramento.

Leia a seguir entrevista concedida por e-mail à Folha.

**Folha** - Qual é a diferença entre uma entrevista de história oral em relação a entrevistas de outras áreas, como antropologia, sociologia e jornalismo?

**Alessandro Portelli** - Penso que a diferença mais importante está em que a entrevista em história oral remete ao passado e portanto sempre inclui um elemento narrativo, mesmo quando se afasta de uma história mais linear. Em segundo lugar, enquanto a antropologia e a sociologia estão preocupadas sobretudo com estruturas culturais, e portanto com o que é compartilhado entre o entrevistado e seu grupo social, a história oral é, num sentido mais amplo, uma ciência do indivíduo, na qual contextos socioculturais interagem com a subjetividade individual.

Como consequência, a identidade do entrevistado — ou narrador, como gosto de chamá-lo — é mais importante na história oral em comparação com outras práticas de trabalho de campo. Sempre que podemos, nós oralistas usamos nomes reais.

**Folha** - O sr. considera a história oral uma nova disciplina ou apenas uma nova técnica?

**Portelli** - Não sei dizer. É ao mesmo tempo mais e menos que uma técnica, porque não há métodos simples e objetivos para conduzir uma entrevista ou interpretá-la. Eu a vejo como um tipo de trabalho

criativo. Talvez possamos vê-la não como uma disciplina separada, mas como um espaço em que outras disciplinas convergem — história, sociologia, antropologia, folclore, literatura, linguística, jornalismo — e criam algo novo que tem repercussão em todas elas.

**Folha** - Quando e como o sr. começou a trabalhar com história oral?

**Portelli** - Comecei porque queria reconstruir a autonomia e antagonismos da cultura dos trabalhadores na Itália, no final dos anos 60 e início dos 70. Eu comecei a coletar canções e percebia que algumas vezes as histórias que as acompanhavam eram mais interessantes e quase sempre mais imaginativas que as próprias canções. Além disso, meu treinamento baseava-se mais em narrativa do que em música. Então comecei a me concentrar na primeira.

**Folha** - Como professor de literatura, qual foi a contribuição da história oral no seu campo de estudo?

**Portelli** - A minha contribuição é basicamente a de atrair a atenção para a entrevista de história oral como um gênero específico de discurso, criado pelo diálogo entre o historiador e o narrador. Estou interessado na história oral não apenas como uma fonte de informação factual, mas também nos caminhos reveladores por meio dos quais essa informação factual transformava-se em memória e em história contada. As histórias, com os erros, mentiras e lendas, são também fatos históricos e precisam ser analisados como tais.

**Folha** - Qual é a situação da história oral na Itália e na Europa?

**Portelli** - Na Itália, a história oral tem recebido muito mais hostilidade do que atenção nos círculos acadêmicos, embora isso esteja mudando. A história oral italiana também tem uma tradição de envolvimento político. Isso ainda é verdade, embora esteja claro que a situação política está mais difícil porque não existem agora movimentos sociais significativos aos quais nós podemos nos relacionar.

Quanto à Europa, a criação da Associação Internacional de História Oral tem reforçado os contatos entre os acadêmicos. Acho importante mencionar o trabalho de pesquisadores das ciências sociais como Paul Thompson, Daniel Ber-

taux e Selma Leydorsdorff, muito ativos na criação de conexões internacionais, especialmente com o Leste europeu.

**Folha** - Na sua opinião, quais são as peculiaridades da história oral brasileira?

**Portelli** - Do que tenho sido capaz de acompanhar, me parece que o Brasil combina uma grande sofisticação metodológica com uma aproximação a culturas orais ativas, tanto urbanas quanto rurais, e com uma sensibilidade para movimentos sociais. Atualmente, a história oral brasileira está entre as mais avançadas do mundo.

**Folha** - Quais são os temas gerais da história oral que o sr. espera que sejam discutidos no Rio?

**Portelli** - Por um lado, a questão de qual é o lugar do discurso oral dentro do sistema mundial de comunicações e qual é a função da memória numa sociedade de informação estreitamente identificada apenas com o momento presente ou o futuro imediato.

Também estou muito interessado no painel sobre o trauma da memória nos campos de extermínio alemães e nos campos de concentração soviéticos. Neste momento, estou estudando a memória dos crimes de guerra nazistas na Itália. Penso que a memória de crimes contra a liberdade e a humanidade não deve ser apagada.

**Folha** - Como é o seu novo projeto sobre o massacre nazista?

**Portelli** - O projeto é uma reconstrução da memória do massacre das Fossas Ardeatinas, em março de 1944, no qual os nazistas mataram 335 reféns, em retaliação a um ataque da resistência realizado no dia anterior.

Eu vejo esse evento como uma síntese da história de Roma no século 20. Pessoas de todos os segmentos — generais, vendedores de rua, trabalhadores, advogados, um padre, comerciantes... — foram executados de uma maneira indescritivelmente brutal. Eles pertenciam a muitas variantes do antifascismo: comunistas, liberais, conservadores. Eram católicos, judeus e ateus.

A história de como os sobreviventes lutaram para manter sua memória e fazer sua vida são uma metáfora da complexa memória italiana a respeito da resistência, do fascismo e da guerra.